I.

Presidente do Conselho Europeu pede cooperação dos Estados Unidos, Rússia e China para travar guerra comercial. Foi o que disse Donald Tusk na cimeira anual entre a China e a União Europeia.

Donald Trump reclamou vitória na cimeira da NATO, em Bruxelas, onde sugeriu que os países-membros destinem 4% do seu PIB aos gastos militares. O presidente norte-americano passou ontem por Helsínquia, na Finlândia, última paragem desta visita europeia.

E a terminar a edição de hoje: Alemanha bloqueia tranche final de 15 mil milhões de euros à Grécia.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa!

Uma frente unida contra a guerra comercial. Foi o apelo deixado ontem, em Pequim, pelo presidente do Conselho Europeu. Na cimeira anual entre a China e a União Europeia, Donald Tusk pediu cooperação ao anfitrião, aos Estados Unidos e também à Rússia, como nos conta o jornalista Hugo Pinto.

Numa conferência de imprensa realizada horas antes do encontro entre os presidentes dos Estados Unidos e da Rússia, Donald Tusk fez um apelo a Donald Trump e a Vladimir Putin para que trabalhem com a Europa a fim de evitar uma guerra comercial.

No Grande Palácio do Povo, em Pequim, o presidente do Conselho Europeu reconheceu que o mundo está a mudar e defendeu a responsabilidade de tornar essa mudança para melhor.

Para Tusk, isso significa que a Europa, China, Estados Unidos e Rússia têm a "obrigação comum" de não destruir a ordem global, mas antes melhorá-la, ao reformar as regras internacionais do comércio.

O líder europeu sugere que enquanto há tempo de evitar o conflito e o caos, deve-se começar um processo conjunto de uma ampla reforma da Organização Mundial do Comércio.

Na mesma conferência de imprensa, o primeiro-ministro Li Keqiang apoiou os esforços para actualizar as regras da Organização Mundial do Comércio e prometeu que a China vai também continuar o processo de abertura da economia aos investimentos e exportações europeias.

Li Keqiang recusou ainda a ideia de que esta cimeira serve para forjar uma aliança com a União Europeia contra as políticas comerciais de Donald Trump.

O certo é que esta vigésima cimeira entre os líderes de Pequim e de Bruxelas ocorre numa altura em que estão em vigor nos Estados Unidos taxas alfandegárias sobre 34 mil milhões de dólares de importações chinesas, bem como tarifas adicionais sobre o aço e alumínio importados da União Europeia.

E ainda este Domingo, em declarações à estação televisiva norteamericana CBS, Trump disse que a União Europeia, a Rússia e a China são inimigos dos Estados Unidos.

Hugo Pinto sobre a Cimeira em Pequim entre os líderes chineses e europeus.

E connosco ao telefone está Victor Ângelo, consultor internacional e comentador residente do Magazine Europa, baseado em Bruxelas.

Victor, a China e a União Europeia estão aqui alinhadas contra uma querra comercial. Um primeiro balanco desta cimeira? A cimeira deste ano resultou num comunicado conjunto entre a União Europeia e a China. As cimeiras de 2016 e de 2017 não tinham sido concluídas com um comunicado conjunto, ou seja, não tinha havido a possibilidade de pôr no papel aquilo que ambas as partes consideravam como sendo no interesse comum. Assistimos a uma cimeira em que se discutiram não só questões comerciais, não só questões ligadas à economia europeia e à economia chinesa, mas também grandes questões relacionadas com a geopolítica internacional. Quer a China, quer a União Europeia têm uma posição muito construtiva em relação à ordem internacional. Eles... ambos os países querem que o sistema das Nações Unidas - e nomeadamente a Organização Mundial do Comércio - funcionem bem e que as regras globais, as regras internacionais sejam respeitadas.

O Victor falou na questão do comunicado. O comunicado refere a questão dos direitos humanos. China e Estados Unidos querem um maior intercâmbio nesta área. Que outros pontos deste documento saltam à vista?

De uma maneira geral o que o comunicado mostra é que esta cimeira aprofundou de maneira significativa as relações políticas e económicas entre a China e a União Europeia. Também me pareceu muito significativo que houvesse do lado europeu um assunto que é muito importante para a Europa que é a questão da Líbia e do lado chinês que se falasse sobre a liberdade de navegação e sobre a necessidade de resolver pacificamente os problemas no mar do Sul da China. Parece-me ser um tema muito melindroso, fico

agradavelmente surpreendido por ver essa referência no comunicado final.

O bloco europeu pretende negociar maior reciprocidade nas relações de investimento. A verdade é que um relatório recente da União Europeia revela que Pequim impôs mais obstáculos às importações e investimentos, em 2017, do que qualquer outro governo.

Sim, 2017 não foi um bom ano em termos do investimento europeu na China. Em 2017, as empresas e os investidores europeus trouxeram para a China sete mil milhões de euros em investimentos, enquanto que a China investiu 30 mil milhões de euros.

Donald Tusk, presidente do Conselho Europeus e o Presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, estão hoje em Tóquio. Uma nítida viragem da Europa para a Ásia.

Antes de falar talvez do Japão, convinha também frisar que, apesar das dificuldades de investimento, a verdade é que a China continua a fornecer para as economias europeias uma grande quantidade de mercadorias. E neste ano de 2018, nós temos uma média diária de dez comboios de mercadorias vindos da China em direcção aos países da União Europeia. Um grande salto em termos do comércio chinês na Europa.

Agora por outro lado, a questão do Japão é uma questão importante e foi muito significativo que, após a cimeira de Beijing, logo no dia seguinte, tenha havido uma cimeira com as autoridades japonesas para assinar um acordo de parceria comercial e estratégica. Penso que esse acordo envia a mensagem política aos chineses que, apesar da União Europeia dar muita importância às relações económicas e comerciais com a China, também dá muita importância às relações económicas e comerciais com o Japão. Mas para além disso, existe uma parceria política estratégica com o Japão que ainda não existe com a China. Por outro lado, envia a mensagem de que a União Europeia continua a ser e continuará a ser um actor imprescindível nas relações económicas internacionais e que qualquer tentativa de marginalizar, fragilizar ou fragmentar a União Europeia, é uma tentativa que acabará sempre por ser um fracasso, porque a União Europeia não só assina acordos comerciais e estratégicos com o Japão, mas também está cada vez mais presente no Extremo Oriente, quer no Japão, quer na China.

Ainda no que diz respeito à questão dos direitos humanos, temos o caso de Liu Xia, mulher do Nobel da Paz, falecido há um ano sob custódia policial, Liu Xiaobo, saiu do pais para Berlim. Num acto pouco comum, a chanceler alemã, Angela Merkel, pediu ao

presidente chinês Xi Jinping que a libertassem. São necessários mais líderes como estes, Victor?

Eu penso que sim, penso que é fundamental que para além das relações económicas se continue a insistir nas questões fundamentais que são os direitos humanos e a Europa ficaria numa situação extremamente difícil se apenas pusesse o acento tónico nas questões comerciais e esquecesse dimensões fundamentais, dimensões essenciais como as relativas aos direitos humanos.

III.

Já voltamos à conversa com Victor Ângelo.

E a visita de Donald Trump ao outro lado do Atlântico tem sido polémica e marcada por momentos tensos.

Começou na semana passada, em Bruxelas, na cimeira da NATO. Donald Trump já tinha ameaçado sair da Aliança Atlântica, caso os aliados não se comprometessem a gastar 2% do PIB em despesas com gastos militares. Uma jornalista voltou à questão.

Jornalista presente na cimeira da NATO

Acha que pode sair da NATO sem o apoio do congresso? **Donald Trump, Presidente dos Estados Unidos**

Acho que provavelmente posso, mas não é necessário. As pessoas chegaram-se à frente hoje como nunca antes. O compromisso dos Estados Unidos com a NATO é muito forte, continua muito forte. Mas antes de mais, pelo espírito que todos têm, as quantias que estão dispostos a gastar, o dinheiro adicional que vão pagar.

Para já, o compromisso mantém-se nos 2%. Donald Trump sugeriu gastar o dobro, mas a Europa parece não estar disposta a ceder. Uma coisa é certa, esta é uma questão urgente, notou Jens Stoltenberg, Secretário-geral da Aliança Atlântica.

Jens Stoltenberg, Secretário-Geral da NATO

Compreendemos que este presidente americano é muito sério quanto aos gastos com a defesa. E isto está a ter um impacto claro. Acho que esta discussão fortaleceu a NATO. Criou um novo sentido de urgência.

Berlim, por exemplo, gasta 1,2% do PIB em despesas com a NATO. Vamos ouvir as declarações da chanceler alemã Angela Merkel.

Angela Merkel, chanceler alemã

Globalmente foi uma cimeira muito intensa, uma cimeira de autoconfiança e, por isso, creio que tivemos conversações sérias. Acho que ajudaram a compreender a importância da NATO. E como podemos dar contributos que sejam do interesse de todos.

Depois de Bruxelas, Donald Trump seguiu para o Reino Unido. À BBC, a primeira-ministra do país, Theresa May, revelou que o presidente norte-americano deixou um conselho.

Theresa May, Primeira-ministra britânica:

- Ele disse-me que eu devia processar a União Europeia.
- Processar a União Europeia?
- Processar a União Europeia. Não passar pelas negociações, mas processá-los. Mas na realidade, não, não.
- Pensou nisso por um segundo?
- Não, vamos encetar negociações.

Ontem ainda o líder de Washington chegou à Finlândia. Foi aí que se reuniu o presidente russo, Vladimir Putin. "Chegou a altura de falar tanto das relações bilaterais como dos diferentes pontos de tensão no mundo", assinalou o presidente russo.

No momento em que gravamos este programa estava a decorrer o encontro, mas temas como os conflitos na Síria e na Ucrânia, o desarmamento nuclear e a alegada interferência de Moscovo nas eleições dos Estados Unidos deverão ser abordados no encontro.

Victor, começamos então esta longa viagem de Donald Trump pela cimeira da NATO. Se 2% não foi possível até agora, 4% é impossível.

A cimeira da NATO foi uma cimeira relativamente confusa. Nesta loja de porcelana, digamos assim, embora talvez não se possa dizer que a NATO seja exactamente uma loja frágil, mas apesar de tudo é uma loja de porcelana, no sentido de que resulta de um acordo entre vários países e países que às vezes vêem as questões da defesa e as questões das ameaças de um modo diferente. De repente aparece nesta loja de porcelana um elefante e um elefante que avança a toda a velocidade e que surpreende, digamos assim, os outros membros da loja. E a surpresa maior foi certamente a questão dos 4%. Não é possível, não é realizável, não é aceitável politicamente na Europa. Para muitos países europeus, já é difícil convencer as suas populações no sentido do incremento das despesas da defesa para 2%.

De qualquer maneira parece que há algum consenso nesta questão dos 2%.

Os 2% já tinham sido aprovados na cimeira do País de Gales, em 2016. É uma percentagem aceite. Não é fácil de atingir e, por isso, os países tinham dito que precisavam de cerca de oito anos para chegar a esse valor do Produto Interno Bruto, mas a verdade é que já havia acordo. E neste momento, a grande pressão dos americanos é para que as despesas aumentem rapidamente. Ora,

as despesas não podem aumentar rapidamente se, por um lado, não houver apoio da opinião pública europeia em relação a esse tipo de questões. Por outro lado, se não houver uma definição clara de quem são os inimigos e de quais são as grandes ameaças, porque não se pode gastar dinheiro em defesa à toa, tem de se gastar dinheiro em matérias de defesa tendo em conta as prioridades e as ameças possíveis. Tudo isso foi posto de parte e falou-se apenas em dinheiro. Não se falou em ameaças, não se falou numa percepção conjunta do que poderiam ser as grandes prioridades de defesa do mundo ocidental e isso significa pura e simplesmente que se reduziu a questão a um problema de cifrões.

Temos também a visita de Trump, um tanto quanto incendiária ao Reino Unido. O protocolo foi quebrado, na questão tão falada da rainha. E também conselhos dados a Theresa May, à primeira ministra do Reino Unido, sobre a relação a manter com a União Europeia. Como entender este comportamento do presidente norteamericano e que lições devem os líderes europeus retirar desta visita?

Nós temos aqui um presidente que não só não tem experiência política, não tem conhecimentos das relações internacionais e da maneira como os Estados e as organizações funcionam, como também improvisa soluções, quando essas improvisações não têm nada a ver com a realidade, como por exemplo, a questão de aconselhar a processar a União Europeia.

E no que diz respeito à visita de Trump a Helsínquia. Que significado tem este encontro com Vladimir Putin? Este encontro é sobretudo importante para o presidente russo. Vladimir Putin vai poder mostrar à sua população que ele continua a falar com o presidente norte-americano em pé de igualdade, que continua a defender um determinado tipo de posições russas, nomeadamente a maneira como a Rússia intervém na Síria ou a questão da Crimeia ou mesmo da Ucrânia. E mais ainda, vai permitir ao Presidente Vladimir Putin explicar à sua população que os Estados Unidos vêem a Rússia como uma potência fundamental na ordem política internacional. E isso para ele é muito importante, faz parte do nacionalismo russo, faz parte dos seus grandes objectivos que é fazer renascer o sentimento de poderio da Rússia.

IV.

E ainda na actualidade europeia.

A Alemanha bloqueou uma tranche de 15 mil milhões para a Grécia. Berlim tomou a decisão depois de Atenas ter recuado na aplicação do aumento do IVA nas ilhas afectadas pela crise dos refugiados. Mais com a jornalista Lina Ferreira.

A Alemanha não cedeu e travou a última tranche de 15 mil milhões de euros destinada à Grécia.

Isto porque o Governo de Atenas decidiu manter o IVA mais baixo nas ilhas afectadas pela crise dos refugiados.

É que uma das medidas acordadas entre a Grécia e o Eurogrupo passava precisamente pelo aumento do IVA em Lesbos, Quios, Samos, Kos e Leros.

O executivo grego optou por manter o desconto de 30% no IVA. Em causa estão 28 milhões de euros de receita fiscal que vão criar uma lacuna no orcamento de Estado.

No entanto, o ministro das Finanças grego, Euclid Tsakalotos, já assegurou que o desconto vai acabar no final deste ano.

Até lá, para compensar a perda das receitas, o responsável disse que vai criar poupanças orçamentais de 28 milhões noutras áreas, nomeadamente na defesa.

Pierre Moscovici, comissário europeu dos Assuntos Económicos, disse em Bruxelas que o atraso não constituiu uma ameaça ao pagamento desta tranche, a terceira do programa de resgate a Atenas.

Este apoio foi ratificado por todos os países da Zona Euro, mas estava dependente de Berlim que tem procedimentos nacionais próprios no que toca às ajudas financeiras.

Victor, este bloqueio pode pôr em causa uma saída limpa da Grécia do programa de assistência?

Eu penso que não, penso que a Alemanha, ao impedir o desembolso dos 15 mil milhões de euros estava sobretudo a enviar uma mensagem muito forte à população alemã de que eles continuam a seguir de muito perto o programa de estabilização da economia e das finanças gregas, mas ao mesmo tempo também enviar uma mensagem ao governo grego que a austeridade financeira deve continuar.

Só um último balanço sobre este programa de resgate. Portugal já saiu do programa há algum tempo. Como podemos olhar para este programa de apoio. Quais foram os resultados? Foi uma travessia difícil, Victor?

Sim, foram oito anos muito difíceis para a Grécia, com grandes taxas de desemprego, com empobrecimento vastíssimo de grandes camadas da população grega. Neste momento, considera-se que 35% da população grega vive na pobreza ou abaixo da linha de pobreza e também a Grécia continua a ter uma dívida insustentável. A verdade é que este programa, e se a Grécia continuar a aplicar as medidas de contenção orçamental que estão previstas, o que acontecerá é que este programa vai continuar a dar à Grécia um período de graça até ao ano 2032. Ou seja, até ao

ano 2032, a Grécia não precisará de pagar o principal das suas dívidas. Pagará apenas os juros e isso talvez permita continuar um certo crescimento económico, restabelecer alguns dos serviços públicos e das regalias sociais a que os gregos estavam habituados, mas a verdade é que a Grécia continua, apesar de tudo, numa situação económica relativamente difícil.

V.

Victor Ângelo todas as semanas aqui connosco no Magazine Europa. E hoje ficamos por aqui. Até para a semana.

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.